

**Sob o signo do imperialismo “Yankee”: aspectos da repercussão da intervenção norte-americana na Nicarágua na imprensa brasileira (1926-1927)**

Raphael Nunes Nicoletti Sebrian\*

---

**Resumo:**

Neste estudo apresentar-se-á uma análise do material jornalístico veiculado, nos anos de 1926 e 1927, em quatro periódicos brasileiros de grande relevância e circulação no período, *Correio da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*, que contempla o debate acerca da contradição entre o imperialismo e o pan-americanismo desnudada a partir do conflito entre Nicarágua e Estados Unidos. O momento em que esta abordagem se deu de maneira mais evidente está localizado entre os anos de 1926 e 1929, mas a produção enfocando esses temas se estendeu até o fim do conflito (1934). Contudo, interessará aqui o período 1926-1927, momento inicial das discussões, quando o movimento sandinista ainda não havia se configurado e a intervenção militar das tropas de fuzileiros na Nicarágua era o tema principal.

**Palavras-chave:** Nicarágua; Estados Unidos da América; imprensa brasileira.

---

**Abstract:**

This study presents an analysis of the propagated journalistic material, in the years of 1926 and 1927, in four Brazilian periodicals – *Correio da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã* e *Folha da Noite* –, that it contemplates the discuss concerning the contradiction between the imperialism and the pan-Americanism, revealed by the conflict between Nicaragua and United States. The moment where this boarding if gives in more evident way is located enters the years of 1926 and 1929, but the production focusing these subjects if extended until the end of the conflict (1934). However, in this study interests the period 1926-1927, inicial moment of discussions without the sandinist movement formation and with the militar intervention of marines.

**Keywords:** Nicaragua; United States of America; Brazilian press.

---

\* Doutorando em História Social – USP. E-mail: rsebrian@yahoo.com.br

Desde as primeiras décadas do século XIX, com o advento da Doutrina Monroe, as relações entre a América Latina e os Estados Unidos foram mediadas a partir das concepções da política externa norte-americana. Munidos de argumentos diversos, desenvolvidos a partir da referida doutrina e do “Destino Manifesto”, os EUA, ao longo do século, construíram as bases para seu estabelecimento gradual enquanto principal potência econômica e, sobretudo, militar do continente americano, expandindo seu poder para fora do continente no final daquele século.

As ações políticas do Departamento de Estado adquiriram, com o passar dos anos, desdobramentos bélicos até atingirem um estágio em que algumas questões ou contendas, envolvendo os “interesses” norte-americanos/estadunidenses, foram “solucionadas” através de intervenções armadas com o desembarque nos países dos famosos, e famigerados, *marines*, os fuzileiros navais dos EUA. A Doutrina Monroe sofreu alterações impostas por uma nova etapa da expansão territorial dos Estados Unidos simbolizada pela guerra contra a Espanha pelo domínio de Cuba (conhecida como Guerra Hispano-americana) e pela tomada do território do Panamá por Theodore Roosevelt, que separou a área da Colômbia de maneira a garantir a construção de um canal interoceânico. A Doutrina Monroe adquiriu os contornos da política do *Big Stick* (Grande Porrete), sob a qual os norte-americanos ocuparam militarmente o Haiti, Santo Domingo, Cuba, Honduras, México e Nicarágua.<sup>1</sup>

Ocorrendo em paralelo às ações diplomáticas, políticas e culturais do governo dos Estados Unidos, de empresas e de grupos norte-americanos diversos espalhados pelos territórios do continente, essas demonstrações de força e de intolerância costumavam ser justificadas em nome da defesa dos interesses dos cidadãos norte-americanos/estadunidenses que

---

<sup>1</sup> O período conhecido por *Big Stick Policy* é aquele iniciado com o chamado “Corolário Roosevelt” à Doutrina Monroe, em 1904. O “Corolário” não trazia implícitas quaisquer reivindicações territoriais sobre a América Latina, mas assegurava aos Estados Unidos o direito de intervenção e interferência nos assuntos hemisféricos. Conforme ressalta PECEQUILO (1999: 51), tal direito e o papel de “polícia hemisférica” seria exercido caso fosse comprovado que uma nação era “incapaz” ou “não desejava conduzir sua política de forma responsável, ameaçando a estabilidade do hemisfério”.

residiam nos países invadidos, ou da manutenção do bem-estar e da democracia em países que, segundo os argumentos de presidentes, secretários de governo e da imprensa dos EUA, não eram capazes nem mesmo de manter a ordem política interna.<sup>2</sup>

No seio dessa discussão estavam presentes, entre outras, as questões do pan-americanismo e do imperialismo. Conforme ressalta Gerson Moura (1991: 17), as relações políticas entre EUA e América Latina, na virada do século XIX para o XX, podem ser vistas em duas linhas complementares e, aparentemente, contraditórias, contradição que não se verifica plenamente. De um lado, havia um esforço em articular as nações do continente de forma diplomática, por meio de reuniões coletivas, as Conferências pan-americanas, ou interamericanas; esta era a tendência de atuação através do pan-americanismo. De outro lado, as relações dos EUA com seus vizinhos seguiam a lógica do interesse exclusivo, sendo costumeira a utilização de métodos de coação política e de uso da força; esta era a vertente propriamente imperialista da política externa norte-americana/estadunidense da época, ainda que a primeira tendência também contivesse, evidentemente, inúmeros elementos de coerção e dominação, políticos, econômicos, culturais e até mesmo científicos.

A política do pan-americanismo, iniciada no final do século XIX com o intuito de incentivar a integração dos países americanos sob a hegemonia dos EUA, foi discutida nas páginas dos periódicos e em diversas obras publicadas no Brasil nesse período, que se dedicaram a uma reflexão acerca da América Latina, tendo como resultado, em sua maioria, uma “visão negativa sobre as nações hispânicas, contrastando com uma visão positiva sobre o Brasil” (CAPELATO, 2000: 292).

Dentre as inúmeras iniciativas do *State Department*, uma manifestação da política do *Big Stick* foi a intervenção militar, não a primeira,

---

<sup>2</sup> Cf. PECEQUILO (1999). É preciso perceber a política intervencionista dos EUA como fruto de estratégias entendidas como interesses vitais para o desenvolvimento da nação. Sobre o tema ver, além de PECEQUILO (1999), o artigo de Reginaldo Nasser, “Woodrow Wilson e a idéia de ordem hemisférica”, publicado na revista *Cena Internacional*, v. 8, n. 2, de 2006.

tampouco a última, em terras nicaragüenses, no ano de 1927. Contando com o apoio e a solicitação de grupos locais, os *marines* desembarcaram na Nicarágua e lá permaneceram até o ano de 1933. Garantiram a proteção dos “cidadãos norte-americanos”, fiscalizaram eleições, propuseram tratados que levaram ao poder aqueles que interessavam e, principalmente, asseguraram a manutenção dos privilégios das empresas “*yankees*” instaladas naquele país da América Central.

Essa intervenção motivou, na época, inúmeras manifestações de desaprovação e repúdio ao redor do mundo. Grupos das mais diversas procedências como estudantes, políticos, religiosos, intelectuais protestaram publicamente contra os desmandos do *State Department*, ainda que vários desses grupos fossem admiradores das instituições e da estrutura da sociedade norte-americana/estadunidense, considerada modelo democrático a ser seguido. Críticos ou defensores do pan-americanismo, estes de certa forma mais próximos dos EUA, não puderam deixar de se posicionar com relação à intervenção na Nicarágua. Mesmo aqueles que viam nos EUA um modelo de progresso e civilização, como é o caso do grupo diretor de *O Estado de S. Paulo*, passaram a visualizar o “irmão do Norte” como uma ameaça à soberania nacional, princípio fundamental do liberalismo defendido pelos periódicos aqui analisados, e ao desenvolvimento dos países latino-americanos no seu conjunto (CAPELATO, 2000: 297). As ações contra a Nicarágua e, depois, contra o movimento sandinista provocaram reação por parte de vários setores da sociedade, e os órgãos da “grande imprensa” protestaram contra o fato.

Assim, conforme ressalta Capelato (2000: 298) pode-se notar que, apesar da significativa penetração no Brasil da política do pan-americanismo nas primeiras décadas republicanas, houve reação aos EUA, e a despeito das visões negativas sobre as nações hispânicas, houve manifestações de solidariedade aos países agredidos pelos norte-americanos/estadunidenses. Intervenções como, por exemplo, a efetuada em terras nicaragüenses suscitaram propostas de unidade para a defesa das soberanias nacionais ameaçadas pelo domínio do Norte. O viés agressivo da política externa norte-americana/estadunidense provocou, por parte dos jornais

brasileiros, reações mais contundentes do que as provocadas pelas insistentes negociações diplomáticas em torno do pan-americanismo.

Além das inúmeras expressões de desaprovação veiculadas, nos mais diversos países, através de jornais, de passeatas, de pronunciamentos diplomáticos, houve uma voz ativa que se ergueu em defesa da soberania nacional nicaragüense e que tornou impraticável aos admiradores dos EUA a omissão diante da polêmica. Essa voz era a de Augusto “César” Sandino, que constituiu um exército para combater as tropas de intervenção e que acumulou ao longo dos anos de luta (1926-1934), e mesmo após eles, defensores e adversários por todas as partes.

A repercussão de sua luta foi realmente significativa e, em meio à tentativa de promoção, por parte dos EUA, dos valores pan-americanistas, as ações e propostas do movimento sandinista fizeram prevalecer nas páginas dos jornais de todo o mundo, e também do Brasil, a temática do imperialismo em suas colorações mais sombrias.

Neste estudo apresentar-se-á uma análise do material jornalístico veiculado, nos anos de 1926 e 1927, em quatro periódicos brasileiros de grande relevância e circulação no período, *Correio da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*, que contempla o debate acerca da contradição entre o imperialismo e o pan-americanismo, desnudada a partir do conflito entre Nicarágua e Estados Unidos. O momento em que esta abordagem se deu de maneira mais evidente está localizado entre os anos de 1926 e 1929, mas a produção enfocando esses temas se estendeu até o fim do conflito (1934). Contudo, interessará aqui o período 1926-1927, momento inicial das discussões, quando o movimento sandinista ainda não havia se configurado e a intervenção militar das tropas de fuzileiros na Nicarágua era o tema principal. Assim, a produção nos anos 1926-1927 se concentra, sobretudo, na questão da intervenção militar das tropas de fuzileiros na Nicarágua, mas as notícias também tratam do debate entre a prática imperialista e o discurso pan-americanista dos norte-americanos/estadunidenses.

Veículos de grande importância para a disseminação das idéias da intelectualidade brasileira das primeiras décadas republicanas, os jornais

foram espaço privilegiado para a discussão de diversos projetos para a “edificação” do Brasil enquanto potência na América. Essa discussão se deu, evidentemente, a partir da comparação com os outros “exemplos” latino-americanos e, principalmente, tendo como referencial a “grande potência do Norte”, os Estados Unidos da América.

Os primeiros artigos e notas veiculadas pelos jornais brasileiros, em 1926, faziam referência à “Guerra Constitucionalista” iniciada naquele ano. Primeiramente, surgiram as notas das agências internacionais, que serviam para apresentar a questão aos leitores brasileiros que, até então, muito pouco sabiam a respeito daquele pequeno país da América Central que praticamente não freqüentava as páginas dos jornais brasileiros.

Para um exemplo deste tipo de veiculação, veja-se a primeira notícia publicada por “OESP”, datada de 05 de maio de 1926, abordando especificamente a questão do movimento revolucionário liderado pelos liberais:

*Movimento Revolucionário – Navio de guerra norte-americano enviado a Bluefield – Washington, 4 (H)*

O departamento da Marinha recebeu telegrammas com a notícia de que os revolucionários nicaraguenses, do partido liberal, tomaram a cidade de Bluefield, depois de renhido combate com as forças leaes.

Os mesmos despachos que, aliás, causaram surpresa nos meios oficiais, acrescentam que o Congresso de Nicaragua proclamou o estado de guerra, permitindo ao mesmo tempo o commercio de armas. O governo americano telegraphou ao cruzador “Cleveland”, atualmente no Panamá, ordenando que parta imediatamente para Bluefield, afim de proteger os interesses americanos. (“OESP”, 05/05/1926, p. 01).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> As informações veiculadas nos jornais pesquisados, a respeito do processo de luta revolucionária na Nicarágua, se apresentavam de duas maneiras: na forma de notas, ou telegramas internacionais; e na forma de editoriais ou artigos que tratavam especificamente do processo de conflito, podendo estes estar localizados nos mais diversos locais dos periódicos. A grafia foi conservada conforme o original, até mesmo para demonstrar o choque repentino causado pela notícia de um movimento revolucionário na Nicarágua, fato que se pode notar na grafia errônea da cidade nicaragüense. Onde se deveria grafar “Bluefields” aparece “Bluefield”, fato que se pode atribuir a um erro de grafia, mas também as exíguas informações que os países, e mesmo as agências de notícias internacionais, possuíam em relação à Nicarágua.

Neste breve trecho da primeira nota que se refere diretamente ao conflito na Nicarágua em “OESP” consta uma informação que pode esclarecer quais seriam as atitudes dos norte-americanos/estadunidenses em relação ao conflito. Ao primeiro sinal de “revolução”, envia-se um cruzador de guerra para “proteger os interesses americanos”.

Sob esta justificativa de “proteger os interesses americanos” na Nicarágua se desenvolveram os primeiros atos da política externa norte-americana/estadunidense. Os artigos produzidos pelo “OESP” acompanham este percurso e procuram se desenvolver com o intuito de esclarecer à “opinião pública” os interesses norte-americanos/estadunidenses que motivaram a intervenção na Nicarágua.

Para compreender melhor esse posicionamento dos Estados Unidos, é preciso recordar algumas das características básicas da política externa norte-americana/estadunidense na época. O conflito entre os dois países ocorre no contexto da chamada *Big Stick Policy*, iniciada com o Corolário Roosevelt à Doutrina Monroe, em 1904. Neste período, podemos assistir à reafirmação não só do sistema americano, como do império americano.

O Corolário representou uma nova abordagem para os assuntos hemisféricos e era um reforço à Doutrina Monroe, que até então não possuía mecanismos palpáveis de implementação. O Corolário assegurava aos Estados Unidos o direito de intervenção e interferência nos assuntos hemisféricos. Tal direito, e o papel de “polícia hemisférica”, seria exercido caso se comprovasse que uma nação era “incapaz” ou não “desejava conduzir sua política de forma responsável, ameaçando a estabilidade do hemisfério”. Deve-se entender o Corolário Roosevelt como “um desenvolvimento natural do caminho da expansão do poder norte-americano em seu continente, como também um reflexo imediato das concepções mais gerais de política externa”, defendidas pelo então presidente Theodore Roosevelt (PECEQUILO, 1999: 51). E essa expansão do poder dos Estados Unidos naquele momento passava pelo território nicaraguense.

Os interesses norte-americanos/estadunidenses na Nicarágua estavam evidentes desde a assinatura do Tratado Bryan-Chamorro (1916), que concedeu aos EUA o direito exclusivo de abrir um canal transoceânico

pelo istmo, além de outros privilégios estratégicos. Quando do surgimento do movimento liderado pelos liberais, em 1926, que defendiam a constitucionalidade frente ao golpe dos pecuaristas conservadores que levou Adolfo Diaz ao poder, os norte-americanos/estadunidenses mobilizaram-se imediatamente, como mostra a nota acima, pois sua política externa tinha um caráter expansionista e imperialista e a situação se constituía em boa oportunidade para colocar em prática algumas de suas pretensões.

No *Correio da Manhã*<sup>4</sup>, de 06 de maio de 1926, apenas um dia após a publicação da nota em “OESP”, apareceu uma nota bastante semelhante àquela veiculada pelo matutino paulista, mas proveniente de fontes do matutino carioca alocadas em Nova Iorque. Veja a nota, também integralmente:

*Nova York, 5 (“Correio da Manhã”) – De São João do Sul, em Nicaragua, communicam que a revolução assume caracter grave, annunciando-se que os liberaes rebeldes occuparam Bluefield. As forças adversarias ao general Chamorro acham-se em grande actividade, sabendo-se que em Managua occorreram disturbios, registrando-se eguaes occorrencias em outros pontos da costa oriental. De Washington informam que o governo norte-americano ordenou que o cruzador “Cleveland” zarpe para Bluefield afim de proteger os interesses dos norte-americanos (“CMh”, 06/05/1926, p. 02).*

Conforme se pode notar, as notas são basicamente as mesmas, pois, provavelmente, foram elaboradas a partir de uma mesma fonte, o que inclusive se pode notar pela palavra “Bluefield”, grafada sem o “S” final em ambos os casos.

É evidente que esta mobilização se fez a partir da justificativa aparente de “proteger os interesses e a segurança pessoal dos norte-americanos residentes naquella pequena Republica” (“OESP”, 10/01/1927: 03), não apresentando de maneira explícita os interesses que motivavam a mobilização “yankee”. No entanto, desde o seu primeiro grande artigo a respeito da questão, (“OESP”, “Imperialismo ‘yankee’”, 10/01/1927:

---

<sup>4</sup> Nas notas e artigos, identificar-se-á o jornal *Correio da Manhã* pela sigla “CMh”, “OESP” para O Estado de S. Paulo, “FM” para Folha da Manhã e “FN” para Folha da Noite.



03) que fez parte de uma série de outros com o mesmo título, “OESP” fez questão de “desmistificar as justificativas da intervenção”, argumentando que não se tratava “de proteger a vida e bens dos cidadãos norte-americanos, mas sim os negócios de um pequeno número de empresas norte-americanas aí estabelecidas” (“OESP”, “Imperialismo ‘yankee’”, 13/01/1927: 03).

O jornal procurou explicitar os aspectos envolvidos na intervenção norte-americana/estadunidense. Nesses artigos, intitulados “Imperialismo ‘yankee’”, os primeiros de grande expressão a respeito do conflito publicados por “OESP”, o periódico procedeu a uma argumentação baseada em diversas fontes, até mesmo depoimentos de personalidades e jornais norte-americanos/estadunidenses, como evidenciado em cada artigo. Apresentar-se-á alguns trechos do primeiro deles, publicado em 10 de janeiro de 1927:

O nosso serviço telegraphico tem-nos trazido ao corrente, mas muito por alto, dos acontecimentos de Nicaragua. Os Estados Unidos desembarcaram alli forças da marinha, com o intuito apparente, ou pelo menos secundario, de proteger os interesses e a segurança pessoal dos norte-americanos residentes naquella pequena Republica, mas na verdade aproveitando-se de incidentes da política interna para proseguir nos seus planos de hegemonia continental.  
O Departamento de Estado, sob a sua allegada imparcialidade, vem de facto intervindo directamente na vida da pequena Republica.

A “FM”, em 09 de janeiro de 1927, trouxe uma nota intitulada “A política externa dos Estados Unidos”, proveniente de um comunicado epistolar da *United Press*, versando sobre os objetivos gerais da política externa norte-americana/estadunidense para o ano de 1926. Esta, diferente de outras notas e artigos publicados, procurava relativizar o caráter da participação dos EUA em acontecimentos na América Latina e, sobretudo, na Nicarágua e contrapunha-se às interpretações conferidas por “OESP” e “CMh”:

WASHINGTON, Dezembro (Comunicado Epistolar da “United Press”)  
Um dos principaes objectivos da política externa dos Estados Unidos durante todo o anno de 1926, foi manter a situação geral de boa vontade pan-americana em face das difficuldades que cer-

tos problemas específicos offereciam com relação a determinados paizes. À medida que o anno chega a seu termo todos os indícios fazem presumir que os negocios deste hemispherio continuarão a offerecer grande importância internacional em 1927 [...]

No anno de 1926 a tendencia em favor da solidariedade das Republicas Americanas, indiscutivelmente soffreu sério retrocesso que provavelmente fará com que o movimento pan-americano durante algum tempo no futuro se não desenvolva sob uma forma política.

Esse ponto fraco nas relações inter-americanas durante 1926 foi demonstrado por ocasião das reuniões preliminares da Comissão Plebiscitaria de Tacna e Arica, na revolução em Nicaragua e na profunda divergencia existente entre os Estados Unidos e o México a respeito das leis sobre terras é propriedade das reservas de petroleo. Este ultimo problema ficou muito complicado pelos efeitos que a attitude do presidente Calles relativa à Igreja Catholica, na opinião publica americana, os quaes ainda não podem calcular-se.

Quaesquer que sejam as noticias que se publiquem sobre a questão do arbitramento em Tacna e Arica, os seus resultados negativos arraigaram a convicção quer nos meios officiaes quer nos particulares de que os Estados Unidos não devem intervir novamente, a não ser nas mais prementes condições, em litígios entre outras republicas e em que os Estados Unidos não são individualmente interessados. A consequencia liquida provavelmente será promover uma attitude mais real e cautelosa dos Estados Unidos com relação às suas irmãs do Continente.

Na America Central, os Estados Unidos assistiram ao ameaçado colapso dos pactos centro americanos negociados em Washington no anno de 1923. Um golpe de estado do general Chamorro produziu longa serie de consequencias que foram solucionadas temporariamente em Novembro com a ascensão ao poder do novo presidente Adolpho Diaz. Comquanto os Estados Unidos mantivessem technicamente a eficiencia dos tratados, não ha certeza de que se affirmasse a estabilidade na America Central.

O caso da Nicaragua, produziu novos elementos de discordia, devido a terem os funcionarios americanos deixado comprehender que elles lamentavam profundamente as remessas de armas do Mexico para certos elementos de Nicaragua em uma ocasião em que os Estados Unidos se esforçavam para obter a concórdia geral de todos os grupos políticos desse paiz mediante uma conferencia. O Mexico allegou que os embarques de armas foram feitos sob responsabilidade individual [...]

Em presença desses problemas perturbadores os Estados Unidos apóiam fortemente a política pan-americana a fim de demonstrar a sua boa vontade e sentimentos amistosos planejou o vôo pan-americano, devendo os aparelhos dos Estados Unidos, visitar

Sob o signo do imperialismo “Yankee”...

quasi todas as capitães latino americanas (“FM”, “A política externa dos Estados Unidos”, 09/01/1927: 06).

Aqui se pode notar uma justificativa “oficial/oficiosa” do Departamento de Estado norte-americano/estadunidense para as atitudes adotadas com os países latino-americanos no ano de 1926. A *United Press*, um braço importante de disseminação das idéias do governo dos Estados Unidos, encontrou espaço nas páginas do periódico paulista para “justificar” as ações de intervenção e interferência na política de países como a Nicarágua e o México, por exemplo. Argumentando sempre em tom de inevitabilidade dos fatos, como se a interferência dos EUA fosse absolutamente indispensável para a solução das questões, a agência apresenta o pan-americanismo como ideal primordial do governo “yankee”. Em “prol do pan-americanismo”, procurando demonstrar a “boa vontade e sentimentos amistosos”, foram tomadas as medidas intervencionistas.

As previsões de alguns a respeito do imperialismo norte-americano/estadunidense, em contraponto às idéias pan-americanistas tão alardeadas por indivíduos nos EUA, não eram as melhores desde o momento inicial do noticiário nas páginas dos jornais brasileiros. Em 28 de dezembro de 1926, o “CMh” publicou uma nota proveniente da França, com as declarações do jornal francês *Le Temps* que, naquela circunstância, fazia uma previsão num de seus editoriais de que até 1950 os EUA teriam estendido seu território até o Panamá. O mesmo editorial francês, reproduzido parcialmente pelo matutino carioca, acusava os “Estados Unidos de usar a doutrina de Monroe para esconder seus desígnios imperialistas” e declarava que todos os países do continente eram contrários a essa política, e que não protestavam porque precisavam do dinheiro americano (“CMh”, 28/12/1926: 01). Em um editorial<sup>5</sup> do mesmo dia, o matutino comentou essa “profecia”, e confrontou as declarações do jornal francês, bradando em nome da “resistencia dos latino-americanos ao

<sup>5</sup> Os editoriais do “CMh” eram identificados pelo título “*Topicos & Noticias*”. Em “OESP” os editoriais eram intitulados “*Notas e Informações*”. Na “FM”, eles eram identificados por “*Factos e Boatos*”, ou pelo aparecimento do personagem “Juca Pato”. Na “FN”, apareciam com os títulos “*À Margem dos Factos*” e “*Idéas e Factos*”.

predomínio que Washington sempre tem tentado” (“CMh”, “Topicos & Noticias”, 28/12/1926: 04).

As manchetes a respeito do conflito na Nicarágua na primeira página dos jornais brasileiros começaram a se tornar cada vez mais freqüentes, destacadas por sua visibilidade e por seu conteúdo:<sup>6</sup> “Os jornaes de Paris e Berlim censuram a applicação sui-generis que os norte-americanos estão dando ao monroismo com relação à América Central” (“CMh”, 28/12/1926: 01); “Enveredando cegamente por um caminho tortuoso, o imperialismo americano até a censura contra os nicaraguenses já estabeleceu dentro na Nicaragua” (“CMh”, 29/12/1926: 01).

Excetuando-se o exemplo acima mencionado da publicação, na “FM” de 09 de janeiro de 1927, de um comunicado da *United Press* francamente favorável aos EUA, a maior parte das notas e artigos publicados pelos jornais nesse momento, desde meados de 1926 até o início de 1927, tem como principal temática a desqualificação da intervenção norte-americana/estadunidense em terras nicaragüenses, apontando a fragilidade da proposta pan-americanista.

Em fins de janeiro de 1927, mais precisamente no dia 30, aparece nas páginas de “CMh” um artigo sobre o imperialismo norte-americano/estadunidense escrito por Oliveira Vianna, figura de grande expressão intelectual naquele momento. Vianna iniciava o texto se referindo a um artigo de um professor da Universidade de Indiana, Ulysses Weatherley, no qual o pesquisador procurava explicar e analisar a justiça, ou injustiça, do domínio exercido pelos norte-americanos/estadunidenses sobre o Haiti, naquele momento. Discorrendo a partir de um ponto de vista pragmático, o referido professor defendia que havia injustiça sob o ponto de vista da soberania do povo, mas que haveria justiça se a ocupação fosse observada pelo viés pragmático. Oliveira Vianna, ironicamente, conclui sugerindo que, independente de que ponto de vista se assumisse – poucos estavam interessados em assumir algum: “Coisas do Haiti eram coisas que só

---

<sup>6</sup> O Correio da Manhã foi, dentre os periódicos analisados, aquele que mais utilizou esse recurso, pouco utilizado, por exemplo, por “OESP” e pelas Folhas.

podiam realmente interessar aos estudantes, á mocidade academica... do Haiti. Eu acrescentei: ou da Nicaragua...” (“CMh”, “O Imperialismo yankee...”, 30/01/1927: 04).

Já no início de fevereiro de 1927, “OESP” manifestava-se, através de mais um artigo intitulado “Imperialismo ‘yankee’”, otimista por uma solução das questões entre os EUA e a Nicarágua, atribuindo mudanças nos planos dos Estados Unidos às manifestações enérgicas da opinião pública norte-americana/estadunidense repudiando as iniciativas do Departamento de Estado dos EUA. Veja-se o que diz “OESP” a respeito dessas questões:

[...] Abundam os casos em que uma grande potencia se viu impedida de executar uma política imperialista devido à opposição de outras grandes potencias, mas muito poucos são os casos em que um povo plethorico de forças tenha agido espontanea e voluntariamente como freio a acção do seu governo, contra a tentação de uma fácil conquista.

[...] De resto, é sabido que o Departamento de Estado tem agido, através do almirante Latimer, afim de resolver a complicação de Nicaragua por um accôrdo entre os partidos em luta, accôrdo esse que deverá consistir provavelmente na renuncia dos srs. Diaz e Sacasa à presidencia da Republica e na realização de novo appello as urnas. (“OESP”, “Imperialismo ‘yankee’”, 04/02/1927: 02).

Manifestações de valorização do pan-americanismo ocorriam em vários países, vindas de diversas camadas sociais, procurando contrapor-se ao imperialismo, ainda que na política pan-americana também houvesse uma tonalidade imperialista e ecoasse a política externa norte-americana. A defesa do pan-americanismo aparecia como exemplo da união benéfica dos povos latino-americanos, contra os desmandos imperialistas do Departamento de Estado dos EUA na Nicarágua:

**Contra a politica dos Estados Unidos na Nicaragua. PARIS, 28 (Radio-Havas)** – A Associação geral dos estudantes latino-americanos prosegue activamente a sua campanha contra a politica dos Estados Unidos na Nicaragua. Em reunião de hontem ficou resolvido telegraphar a todos os governos da America Latina, convidando-os a desenvolver uma acção commum de protesto contra o tratado há

pouco celebrado entre o general Diaz e o secretario de Estado, sr. Kellog, tratado esse que colloca a Nicaragua – segundo accentua a Associação – sob o protectorado da America do Norte. Uma cópia desse telegramma será entregue tambem ao chefe das missões diplomaticas latino-americanas para que a transmitam aos respectivos governos.

A Associação está resolvida a pedir a intervenção da Sociedade das Nações e a convidar as universidades americanas a subscreverem o protesto (“FN”, 28/02/1927: 05).

Entretanto, o imperialismo, norte-americano/estadunidense, era visto como uma das piores formas de agressão existentes, “machiavelico”, contra os bons ideais, pacíficos, dos países da Europa – onde o congresso aconteceu, Paris – e do restante da América. A Doutrina Monroe, aqui, aparece não como algo que estaria sendo desvirtuado, mas sim como dotada, desde seu surgimento, de evidente caráter imperialista, caráter este que seria capaz de “encobrir” sob a argumentação da “América para os americanos” e da política pan-americana.

A partir de meados de 1927, constantemente até o mês de dezembro, com a aproximação da Sexta Conferência Pan-americana, que ocorreria em janeiro do ano seguinte, aumenta significativamente a produção dos jornais com o intuito de analisar pormenorizadamente a política externa norte-americana/estadunidense. O “CMh” liderou essa “ofensiva”, buscando as raízes históricas do comportamento imperialista dos Estados Unidos. No artigo “*A dupla penetração norte-americana*” (“CMh”, 11/12/1927: 04), o periódico do Rio de Janeiro, a partir das considerações apresentadas no livro *A ilusão americana*, de Eduardo Prado, teceu um extenso comentário sobre o comportamento intervencionista norte-americano/estadunidense desde o século XIX, defendendo a idéia de que havia uma “dupla penetração” “*yankee*” em terras latino-americanas: material, através de instrumentos basicamente econômicos, como no caso das anexações e compras de territórios efetuadas no século XIX; mas também moral, pela imposição de seus valores e preconceitos como, por exemplo, a perseguição dos negros por parte de alguns norte-americanos.

O jornal alertava ainda, em um editorial do dia 28 de dezembro de 1927, baseado em afirmações de *The Washington Post*, que não se devia ter

esperança na Conferência Pan-americana como possibilidade de qualquer modificação na Doutrina Monroe:

[...] Não sabemos até que ponto é autorizada pelo governo americano essa *advertencia*. Mas parece que ella se encobre em fumaças officiosas, porque [...] o jornal diz com emphase de quem se despacha de uma encomenda: “Os Estados Unidos não supportarão que essa doutrina seja molestada”.

[...] **O mais interessante, em tudo, entretanto, é que o governo da grande Republica do norte julga que a America Latina acredita no monroismo como outra coisa que não uma doutrina rapinante, que deu aos Estados Unidos o canal do Panamá e talvez lhes dê ainda o canal de Nicaragua, mas que jamais lhes dará o direito de ditar leis no Mexico e noutros Estados que já não se amedrontam...**

[...] Pois que não o supportem, mas saibam que ella morreu da peor das mortes – a do ridículo. Quem a matou? Foram os proprios Estados Unidos, com a applicação que lhe deram.

Na Argentina e no Chile, governo e povo pensam assim. Aqui não sabemos como pensa o nosso governo patriotico e... *nacionalista*. **Mas o povo pensa como o chileno e o argentino** (“CMh”, “Topicos & Noticias”, 28/12/1927: 04, itálicos no texto, negritos nossos).

Em meio às advertências, os noticiários se encaminhavam para um momento de debate intenso, do qual nem os Estados Unidos nem os jornais puderam se desvencilhar: a Sexta Conferência Pan-americana, ou Interamericana. Os jornais brasileiros questionavam-se, inclusive, a respeito de que caráter teria a representação brasileira na conferência, pois a imagem da diplomacia nacional não era das melhores:

[...] Accentuando a importância da representa sul-americana, nos Estados Unidos, esse escriptor [o artigo discorria a respeito de considerações de Oliveira Lima] teve occasião de mostrar que o contraste que infelizmente se nota entre os emissarios da diplomacia brasileira e seus collegas de continente. Segundo seu valioso depoimento, a situação é actualmente a seguinte: “Emquanto o embaixador argentino, sr. Puyeredon, está merecendo grandes encômios da imprensa americana, porque em vez de confinar-se à vida mundana, frívola e superficial, de Newport, cujos jantares e recepções em nada aproveitam aos interesses do paiz do agente [...] É triste recordar, que a inimidade entre o sr. Oliveira Lima e o nosso caricato embaixador nos Estados Unidos [Gurgel do Amaral],

Raphael Nunes Nicoletti Sebrian

está servindo de pretexto para que não se entregue a esse ilustre publicista a chefia da nossa embaixada em Havana, destinada por motivos de cabo de esquadra ao advogado Raul Fernandes.

O sr. Octavio Mangabeira não pode deixar dominar-se por sentimentos imprecisos de uma conveniencia diplomatica, na escolha do futuro representante do Brasil na Conferencia de Havana. [...] Para mostrar a atmosphaera de sympathia que cerca o nome do sr. Raul Fernandes, que é indicado como candidato do Itamaraty, basta recordar a sua actuação em Versalhes, onde [...] elle se oppoz à verdadeira interpretação da doutrina de Monroe...

Essa é certamente uma pessima credencial para leval-o à Havana... ("CMh", "Diplomacia americana", 09/09/1927: 04).

Num artigo do dia 30 de setembro daquele mesmo ano, a "FN" também comentou a questão da indicação dos representantes brasileiros em Havana:

Depois de grande demora na indicação de nossa embaixada à Conferencia Pan-Americana, que deverá reunir-se brevemente em Cuba, acaba de indicar agora o governo, esses representantes.

Tratando-se de um congresso pan-americano, cujos problemas a serem discutidos se circumscrevem directamente aos interesses das nações deste Continente, – é bem de ver-se que a Conferencia de Cuba se reveste de um cunho todo particular, que bem merece alguns commentarios.

Tendo-se em conta a natural e cada vez mais accentuada hegemonia dos Estados Unidos sobre as outras nações continentaes, as conferencias pan-americanas, a que vimos assistindo nestes ultimos tempos, não têm outro objectivo maior sinão offerecer, nos paizes occupados pelos povos de origem ibérica, um campo propicio [de] livre expansão do imperialismo yankee. Baseados na anachronica doutrina de Monroe, os americanos do norte procuram por todos os meios ao seu fácil alcance, manter essa hegemonia com que a habilidade de seus antepassados soube acautelar os interesses do seu povo, em detrimento embora, das necessidades e aspirações das nações ibero-americanas. Hoje, graças à riqueza de que gosa, não custa muito à America do Norte impor a sua vontade ao resto do Continente. Offerce os empréstimos necessarios às outras nações, em condições mais acceitaveis, e, em virtude disso vae controlando os srs. Governos, de geito a crear novas bases economicas e navaes afim de satisfazer mais folgadoamente as suas ambições imperialistas.

Deante dessas pretensões, dadas as armas de lucta de que dispõem



Sob o signo do imperialismo “Yankee”...

os Estados Unidos, os governos da maioria das nações de origem ibérica, em vez de defenderem a soberania dos povos que dirigem, outra coisa não fazem senão se tornarem cúmplices conscientes daquela política imperialista.

Não bastassem os casos do México, Cuba e Panamá, que já experimentaram a violência dessa intromissão estrangeira, em seus destinos, lembraríamos o caso actual de Tacna e Arica, com o qual o governo yankee está jogando, disposto, mais que tudo, a satisfazer o seu próprio interesse.

Esse (sic) casos revelam a situação real e aparente do imperialismo norte-americano. Os empréstimos favorecem os monopólios sobre explorações privadas de toda natureza. **Quanto a estas, mais occultas, não é ocasião agora para lembrar.**

Ora, dada essa situação, é bom que olhemos com olhos pessimistas para a próxima Conferência de Cuba. Será forçosamente a continuidade da de Santiago. É bem possível que apareçamos lá, também, armamentistas...

**No entanto, pela presidência de nossa embaixada, o sr. Raul Fernandes, talvez nem tomemos uma atitude conseqüente...** (“FN”, “O Brasil na Conferência Pan-Americana de Cuba”, 30/09/1927: 01, grifo [negrito] nosso).

Outros artigos e notas continuaram a serem publicados, versando a respeito de pretensas “incursões” imperialistas dos norte-americanos/estadunidenses, mas, gradativamente, as notícias se aproximam da temática da Sexta Conferência Pan-americana, evento aguardado com a esperança de que se constituísse em espaço de debate acerca das características da política externa dos Estados Unidos. O pan-americanismo é cada vez menos mencionado, enfatizando-se a questão da intervenção:

Nicaragua vem sendo nos últimos tempos, a vítima indefesa do imperialismo norte-americano. Nação pequena, sem possibilidades materiais de fazer valer a própria soberania, situada além de tudo, em uma região que desperta a cobiça dos Estados Unidos, a situação da Nicaraguense se apresenta para as suas irmãs ibero-americanas, com o relevo histórico de uma projecção de destinos em marcha. O sentimento natural de fraternidade originária tende a solidificar, mais e mais, o bloco latino-americano, contra a pretensão avassaladora da grande potência do norte.

Agora mesmo, a atenção das outras nações latino-americanas, volta-se de novo para Nicaraguense. Um telegramma da United Press, comunica-nos o seguinte:

“O departamento (norte-americano) de Marinha anunciou que dois aeroplanos, tres officiaes de marinha e um destacamento de recrutas tiveram ordem de seguir para Corinto, na Nicaragua. Presume-se que a missão seja fiscalisar as eleições presidenciaes, marcadas para o dia 6 de Novembro”.

Ha pouco tempo, tivemos occasião de commentar o facto de o general Sacasa, da Nicaragua, ter ido saber do Departamento Político norte-americano, si elle poderia concorrer às eleições em seu paiz. Isso queria apenas si os Estados Unidos permittiriam uma tal pretensão.

Como se vê por tudo isso, a Nicaragua já deixou de ser uma colonia econômica do Imperialismo “yankee”: é agora, uma simples colonia política da América do Norte.

Não fosse a revolução mexicana de 1910, completada pela política de Obregon e de Calles, e o Mexico estaria hoje nas mesmas condições da Nicaragua.

**Quando será que o povo brasileiro abrirá os proprios olhos?... (“FN”, “O imperialismo em Nicaragua”, 22/10/1927: 04, grifos nossos).**

A “FN” fazia questão de “prevenir” os leitores, alertando também as elites, quanto ao perigo representado naquele momento pelos Estados Unidos. “Qualquer prevenção, nunca é demais...” (“FN”, “Para os Estados Unidos ainda somos colonia...”, 16/11/1927: 06), bradava o jornal.

Nos últimos dias do ano de 1927, a mesma Folha da Noite preparava os seus leitores para as discussões que se dariam no mês seguinte, com a Conferência Pan-americana:

A sexta Conferencia Pan-Americana, agora reunida em Havana, capital de Cuba, vae se revestir de um interesse mundial em vista das theses que serão lá discutidas.

Uma dellas é a que se refere à criação da Sociedade das Nações Americanas, idea que teve origem na reunião da Comissão de Jurisconsultos ultimamente ocorrida no Rio.

Segundo refere um communicado da United, o jornal “Washington Post”, em artigo officioso, referindo-se a essa projectada Sociedade, diz que “antes que a Conferência Pan-Americana se envolva na discussão do tratado, deve ficar bem comprehendido que os Estados Unidos não permittirão a criação da Sociedade política das nações deste hemispherio. Os Estados Unidos não concordarão, em consulta às outras nações que assumpto que affectem a sua segurança e a sua dependencia, nem acceitarão parecer de outras nações sobre a maneira de cumprir o seu dever em favor da independencia das nações visinhas, a qual está garantida contra qualquer aggressão por parte dos Estados Unidos.

Sob o signo do imperialismo “Yankee”...

Segundo esse mesmo comunicado, os Estados Unidos continuarão a manter essa independência segura contra qualquer agressão por parte de outras potências. Afim de tornar essa política efectiva os Estados Unidos decidirão por si mesmos quando, onde e como acharem conveniente, e não terão socios (?) na execução da doutrina de Monroe...

Por ali se vê qual é o espírito que norteia a política da Casa Branca. Antes de tudo, a reserva dos interesses do imperialismo “yankee”...

A Sociedade das Nações Americanas será a regulamentação harmonica das relações políticas entre os varios povos deste hemispherio. Attentará contra o prestigio da falsa doutrina monroista. Contrariará os interesses das “grandes potencias” concentradas na Liga das Nações (europeas). Os Estados Unidos precisam estar às boas com o resto do mundo...

Logo, mesmo à força, farão valer os próprios interesses nos demais países da America.

“A America, para os americanos”... do norte... (“FN”, “A doutrina de Monroe na Conferencia Pan-Americana”, 29/12/1927: 01, grifos nossos).

Como se pode notar no artigo acima, a Sexta Conferência Pan-americana se iniciava com a pretensa “missão” de solucionar inúmeras questões e dilemas do continente americano naquele momento, incluindo a questão da Nicarágua. A intervenção na Nicarágua foi objeto de discussão, ainda que a contragosto dos Estados Unidos, na conferência, que se realizou em Havana, Cuba, durante os meses de janeiro e fevereiro de 1928. Apesar de procurar minimizar os debates a respeito da questão nas sessões da conferência, os norte-americanos/estadunidenses foram duramente criticados por diversos países latino-americanos, dentre os quais podemos destacar a Argentina, pela agudeza das críticas. Os jornais brasileiros publicaram artigos acerca da conferência durante toda sua realização, e as notas e telegramas a respeito da Nicarágua durante esse período vão aparecer, muitas vezes, junto a esses artigos. A Nicarágua foi objeto de debate na conferência, e o mundo aguardava um posicionamento crítico de seus representantes perante as atitudes norte-americanas/estadunidenses, o que não ocorreu, bem como continuaram a intervenção em terras nicaragüenses e os conflitos por ela motivados até os anos de 1933 e 1934, respectivamente.

Após a apresentação e análise do debate, veiculado pelos periódicos brasileiros em 1926-1927, acerca da questão da intervenção norte-americana/estadunidense na Nicarágua a partir da confrontação entre as propostas pan-americanistas e as ações imperialistas praticadas pelos Estados Unidos, em detrimento da análise do movimento sandinista, de suas propostas e de seu líder, pode-se perceber que o enfrentamento ocorrido na Nicarágua suscitou de maneira singular a discussão nas páginas dos periódicos brasileiros pesquisados do papel ocupado pelos norte-americanos/estadunidenses na direção dos rumos da política externa e interna do continente.

A análise aqui realizada procurou destacar artigos, editoriais e notas, nos quais este debate se evidenciou, e nos quais o mote para a discussão foi a intervenção e manutenção das tropas de fuzileiros navais norte-americanos/estadunidenses em terras nicaragüenses. Durante o período 1926-1934, outros conflitos também foram provocadores de debate semelhante como, por exemplo, a intervenção no Haiti, a questão (ou conflito) do Chaco Boreal e a questão (ou conflito) de Tacna e Arica.

Os jornais analisados apresentaram peculiaridades em sua interpretação do conflito, ainda que, de maneira geral, tenham condenado a atitude norte-americana/estadunidense e repudiado a intervenção. O jornal "OESP", por exemplo, criticou severamente os desmandos dos EUA, mas manteve essa posição mais evidente, sobretudo, até o ano de 1931, e depois essa crítica praticamente desapareceu das páginas do "bravo matutino", demonstrando seu caráter circunstancial, sem abalar a admiração essencial do grupo diretor de "OESP" pelos "yankees" (CAPELATO, 1989: 37)

No caso do "CMh", a crítica aos Estados Unidos foi mais severa e menos circunstancial. O periódico carioca foi o único, dentre os analisados, que publicou editoriais e artigos ao longo de todo o período do conflito. O "CMh" publicou o maior número de artigos e editoriais dentre os jornais elencados; o posicionamento do jornal oscilou em alguns momentos, chegando praticamente a defender os interesses e atitudes norte-americanas/estadunidenses em editoriais. Apesar de tal fato, constituiu-se no maior defensor da desocupação da Nicarágua.

No caso das *Folhas*, foi possível constatar a sua maior “oscilação” interpretativa, tendendo ora para a crítica impiedosa aos Estados Unidos e suas atitudes, ora para a desqualificação da iniciativa sandinista. Em diversos momentos nota-se que determinadas opiniões veiculadas nas *Folhas*, os jornais mais oscilantes a respeito da interpretação conferida ao conflito, estavam diretamente ligadas à assimilação, de forma crítica ou não, de certa nota ou telegrama publicado nas páginas dos referidos periódicos, em geral proveniente das agências norte-americanas/estadunidenses. A isto, atribui-se o fato de um artigo ou editorial contradizer outro em curto espaço de tempo.

A partir da análise do material dos quatro jornais, pode-se dizer, enfim, que as diferenças encontradas na interpretação dos jornais foram sutis e a confrontação entre artigos, editoriais, notas e telegramas das agências internacionais possibilitou perceber que as variações interpretativas e as mudanças de posição foram raras, pois, na maior parte do tempo, os jornais aqui analisados condenaram a atitude dos Estados Unidos em relação à Nicarágua.

### **Bibliografia**

- BAGGIO, Kátia G. *A “Outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH-USP, São Paulo, 1998.
- BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem – Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. São Paulo: Edições Loyola/História Social/USP, 1999.
- CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia C. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. “O controle da opinião e os limites da liberdade: Imprensa Paulista (1920-1945)”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 12, n. 23/24, p. 55-75, setembro de 1991/agosto de 1992.

Raphael Nunes Nicoletti Sebian

\_\_\_\_\_. O 'gigante brasileiro' na América Latina: ser ou não ser latino-americano. In: MOTA, Carlos. (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000, p. 285-316.

\_\_\_\_\_. *Os Arautos do Liberalismo: imprensa paulista. 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. *Os Intérpretes das Luzes: Liberalismo e imprensa paulista. 1920-1945*. São Paulo: FFLCH-USP, 1986. (tese doutorado em História Social).

DOSPITAL, Michelle. "A herança mexicana na luta sandinista dos anos 20 na Nicarágua". Tradução de Raphael N. N. Sebian. *Revista da ANPHLAC*, n. 4. 2005. Disponível em: <<http://www.anphlac.org>>. Acesso em: 01 fev. 2008.

\_\_\_\_\_. "La construcción del Estado Nacional en Nicaragua: el proyecto sandinista (1933-1934)". *Revista de Historia, Managua*, n. 2, p. 52-61, 1992-1993.

\_\_\_\_\_. "La herencia mexicana en la lucha sandinista de los años 20 en Nicaragua". *SECUENCIA, Revista de historia y ciencias sociales*, Mexico, D.F., n. 30, p. 117-129, 1994.

DULCI, Tereza. *As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928)*. São Paulo: USP, 2008. (dissertação de mestrado)

GIL, Federico G. *Latinoamerica y Estados Unidos. Dominio, cooperación y conflicto*. Madrid: Editorial Tecnos, 1975.

GOBAT, Michel. "Nicaragua perdió la partida, la ganó la oligarquía. La élite nicaragüense y la intervención financiera de los Estados Unidos en Nicaragua, 1912-1926". *Revista de Historia, Managua*, n. 5-6, p. 58-71, 1995.

LUCA, Tania. "História dos, nos e por meio dos periódicos." In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MOURA, Gerson. *Estados Unidos e América Latina*. São Paulo: Contexto, 1991.

- NASSER, Reginaldo Mattar. “Woodrow Wilson e a idéia de ordem hemisférica”. **Cena Internacional**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 9-28, 2006.
- PECEQUILO, Cristina S. **Continuidade ou mudança**: a política externa dos Estados Unidos. 1999. São Paulo: USP, 1999. (tese de doutorado)
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SANDINO, Augusto César. *Pensamiento Politico. Selección, prólogo, bibliografía y cronología: Sergio Ramírez*. Biblioteca Ayacucho (Vol. 134). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988.
- SCHILLING, Voltaire. *Estados Unidos x América Latina: as etapas da dominação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão*. Bauru: EDUSC, 2000.
- SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. *A repercussão do movimento sandinista na imprensa brasileira: 1926-1934*. Assis: UNESP/Assis, 2005. (dissertação de mestrado)
- \_\_\_\_\_. “Pan-americanismo e imperialismo: a Sexta Conferência pan-americana e o debate acerca da intervenção norte-americana na Nicarágua”. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, v. 6, p. 89-107, 2007a.
- \_\_\_\_\_. “Pátria e Liberdade, Luz e Verdade: a formação do ideário político de Augusto César Sandino”. e-l@tina, *Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos*, Buenos Aires, Argentina., v. 05, n. 18, p. 3-9, 2007b.
- SELSER, Gregório. *Sandino, General de Homens Livres*. São Paulo: Global Editora, 1979.

Recebido em maio e aprovado em agosto de 2009.